

SER HOMEM NEGRO: REPRESENTAÇÕES E PERFORMANCES DE MASCULINIDADE E NEGRITUDE NA SÉRIE *SEX EDUCATION* (2019)

Andrey Gabriel Souza da Cruz (PIBIC/CNPq/FA/Uem) João Paulo Baliscei (orientador), email: jpbaliscei@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas,
Letras e Artes (CCH) /Maringá, PR.

Área:60900008 – Comunicação e Subárea:60905000 - Comunicação Visual

Palavras-chave: Masculinidade, raça, sexualidade.

Resumo:

Este artigo discute a diversidade existente quanto às *performances* de masculinidades, especificamente masculinidades negras, tomando como referencial e objeto de análise as visualidades oportunizadas a partir do personagem Eric Effiong da série *Sex Education* (2019), produzida e distribuída pela plataforma de *streaming Netflix*. A pesquisa analisou como a existência de um personagem negro, *gay* e afeminado além de denunciar as mazelas que corpos lidos como dissidentes sofrem, muito expressa e potencializa possibilidades de ser, ocasionando identificação e representatividade. Assim, para compreender e apontar as implicações diretas dos marcadores sociais raça, gênero, sexualidade e demais nas vivências cotidianas, o resumo expandido argumenta sobre a convergência das características, aglutinando-as a partir do termo interseccionalidade. Analisando as *performances* de masculinidades a partir de artefatos da cultura visual, com o recorte de 3 cenas da primeira temporada da série envolta do personagem Eric, debruçamo-nos nos campos dos Estudos Culturais, da Cultura Visual, das Masculinidades e étnico-raciais. Tomamos como metodologia um conjunto de procedimentos analíticos denominado PROVOQUE, que nos instiga uma maior criticidade quanto às visualidades que nos interpelam. Assim, como resultado, vislumbramos a ampliação das discussões sobre masculinidades, com interesse de fixar a pluralidade na forma de ser homem/masculino, elencando além das denúncias, a positividade que existe na apresentação de personagens como Eric Effiong, que se desviam de estereótipos recorrentes sobre corpos negros, *gays* e afeminados.

Introdução

Tratar de raça, gênero, sexualidade e os demais marcadores sociais que permeiam e constituem nossas relações no cotidiano corrobora a noção e presunção de trabalhar e aprender sobre diferença/alteridade em sua amplitude de impacto em nossa sociedade. Por vezes, os marcadores sociais, quando acessados e requisitados, se restringem a serem

direcionados a corpos lidos como dissidentes, àquelas existências que tangem ao padrão hegemônico fixado em corpos brancos, heterossexuais, jovens e entre outros adjetivos positivados pela hegemonia. Entender e contemplar a diferença aqui, para nós, trata-se de identificar o que há de dissemelhante entre os indivíduos, e não o que há de diferente no dissidente em comparação ao padrão hegemônico. A pesquisadora Joice Berth que diz “Não me descobri negra, fui obrigada a sê-la” (RIBEIRO, 2019, p.24), nos direcionando à reflexão de que quando lidamos com a(s) diferença(s), estas são majoritariamente declaradas/gritadas para indicar e inserir narrativas “privilegiantes” ou não sobre os corpos. A evidenciação da diferença atua quase que como uma espécie de denúncia, e esse apontamento adjetivado toca negativamente corpos interpelados pelo racismo, machismo, patriarcado opressivo, lgbtfóbica, entre outras ações danosas. Elegendo como *corpus* de análise recortes de cenas e a construção identitária do personagem Eric Effiong da série *Sex Education* (2019), nesse resumo expandido, inicialmente, discorreremos quanto às possibilidades de masculinidades, visando destronar e ampliar a mentalidade rígida e hegemônica de um só jeito de ser masculino. Deste modo, passamos pelo marcador social de gênero, convergindo e sincronizando o estudo com outros marcadores, como sexualidade e raça, cumprindo a proposta de analisar a pluralidade que compõe os seres. Em seguida, contemplamos Estudos Culturais e Estudos da Cultura Visual, visto que são aportes para a maior criticidade na leitura das imagens, e descrevemos a metodologia de análise de imagem adotada por nós – o conjunto de procedimentos que orienta investigações visuais críticas e inventivas, denominado PROVOQUE (BALISCEI, 2020) - e então, direcionados especificamente para a série, atribuímos um caráter analítico em três cenas específicas da primeira temporada da produção, com enfoque nas problemáticas que as vestimentas de Eric ocasionaram ao longo da trama. Nelas, debruçamo-nos sobre as expressões de gênero, sexualidade e raça.

Materiais e métodos

Para analisar três cenas da série em que o coadjuvante Eric Effiong estivesse em evidência, ressaltamos momentos em que o enredo fosse atrelado diretamente a preposições envoltas da tecnologia de gênero “roupa”. Assim averiguamos os ajustamentos e imposições sociais perante às *performances* de masculinidades, pautados nos conhecimentos advindos de teóricas/os como Raewyn Connell (1995) entre outras/os pesquisadoras/es que discorrerem sobre a temática. Tendo a masculinidade de Eric como ponto de especificidade, vimos que nas suas relações escolares, familiares e em outros contextos, os trajes e adereço que seu corpo negro e afeminado ostenta são capazes de suscitar narrativas que nos instigam problematizações. Para além da análise da masculinidade de Eric, fomos impelidos a analisar outras masculinidades, ressaltando as diferenças que compõem o conceito. Desse modo, a partir dos estudos das masculinidades, engendramos gênero, sexualidade e a pautas étnico-raciais.

Nos respaldamos nos Estudos Culturais, que possibilitam análises a partir de diversas formas de ver o social e as implicações disso, assim como nos Estudos da Cultura Visual, que nos ensinam a romper com o que é tradicional e preestabelecido. Analisamos, por fim, as cenas por intermédio do procedimento de investigação nomeado como PROVOQUE (Problematizando Visibilidades e Questionando Estereótipos), desenvolvido pelo pesquisador João Paulo Baliscei (2019), cuja finalidade está relacionada à leitura de imagens estereotipadas.

Resultados e Discussão

Pensar na composição identitária do personagem Eric Effiong nos levou a uma imersão de conceitualização dos mais diversos marcadores sociais e às implicações positivas e negativas que estes desencadeiam nas existências. Analisamos uma masculinidade dissidente, que flerta com o feminino e se aloca em categorias distintas, caminhando entre a masculinidade subordinada, resumidamente associada a aproximações com a feminilidade e homossexualidade, e masculinidade marginalizada, pautada por questões raciais, geográficas, econômicas e afins em comparação à masculinidade hegemônica (norma sociocultural), como expressa Connell (1995). Por intermédio do pesquisador JJ Bola (2020, p. 115) vimos que “[...] aos homens negros, é sempre reservada uma associação estereotípica de ‘mano’, ‘da quebrada’ ou de bandido, uma figura relacionada às drogas e ao crime.”, entretanto, no decorrer da série, não contemplamos tais aproximações com o persona, o que nos evidencia um certo romper com representações estereotipadas. Todavia, deparamo-nos com um enredo que ressalta as dicotômicas relações entre as masculinidades, e torna-se possível contemplar e perceber que, em comparação com a masculinidade hegemônica, agressiva, ativa, branca, com poder aquisitivo e heterossexual de outros personagens, há uma constante reiteração da marginalização (negra) e a subordinação da identidade de gênero de Eric, principalmente quando contracenando com seu “antagonista”, Adam Groff, um jovem branco. A presença de Eric na série também nos levou à reflexão quanto à vulnerabilidade que corpos negros, gays e afeminados vivenciam constantemente, lidando com opressões que violentam suas existências fisicamente e os direcionando a ajustamentos cruéis para que vislumbrem mínimas possibilidades de dignidade, adequando-se a partir de estratégias de sobrevivência como expõe a pesquisadora Meeg Rayara de Oliveira (2017).

Conclusões

Com o intuito de analisar a existência e a representação de um personagem dissidente e diverso (quando analisado em um contexto social racista e homofóbico), a pesquisa nos possibilitou observar como o artefato imagético Eric Effiong relata e denuncia as opressões diárias que corpos negros, gays e afeminados tendem a lidar constantemente. Ainda que imerso em dores, a

representação de Eric também nos oportunizou vislumbrar uma representação positivadas daqueles que não correspondem aos padrões excludentes e danosos da hegemonia, rompendo com estereótipos e alocando novas narrativas àqueles a àquelas (pessoas negras) que por muito tempo estiveram na mídia caracterizados/as como criminosos/as, serviçais e outras imagens baixas ou negativadas no social. Eric não apenas representa possibilidades quanto a ser masculino, mas também quanto a experimentar e viver sua racialidade, sua negritude, escapando de estereótipos que hipersexualizam corpos negros e gays ou os reduzem.

Agradecimentos

Não pretendo atribuir maior ou menor importância e gratidão a todas/os que me ajudaram, incentivaram e apoiaram na conclusão dessa pesquisa tão significativo para mim. Com o breve espaço não posso nomear todas as pessoas que me foram suporte, mas espero que minhas/meus amigas/os e todas as pessoas especiais que transbordaram afeto e apoio sobre e por mim saibam de minha gratidão. Agradeço ao CNPq pela bolsa e suporte financeiro para a realização da pesquisa; ao meu orientador, João Paulo Baliscei, que se tornou meu amigo, me encorajando sempre, ensinando tanto e acreditando em mim, isso sempre fez diferença; e agradeço também à minha amiga e ex-professora, Fernanda Amorim Accorsi, que foi a ponte que me conectou ao meu orientador e me instigou a pesquisar e almejar lugares altos que ainda alcançarei. Ambos citados são referenciais de docentes, pesquisadores, humanos e amigos.

Referências

BALISCEI, J. P. **PROVOQUE**: Cultura Visual, Masculinidades e ensino de Artes Visuais. Rio de Janeiro: Metanoia, 2020.

BOLA, JJ. **Seja homen**: a masculinidade desmascarada / JJ Bola; trad. Rafael Spuldar. – Porto Alegre: Dublinense, 2020.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v.20, n.2, p.185-206, 1995. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725/40671>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

OLIVEIRA, M. R. **O diabo em forma de gente**: (r)existências de gays afeminados, viados e bichas pretas na educação. 2017, p. 14-40. Tese (Doutorado em Educação na Linha de Cultura, Escola e Ensino.) Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.